

RESÍDUOS HISTÓRICOS COMO UM CASO DE VARIAÇÃO SINCRÔNICA
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

RESUMO

Este artigo é uma tentativa de se mostrar como o presente pode ser usado para se explicar o passado. Os dados sincrônicos utilizados aqui se referem à regra variável de concordância entre sujeito e verbo no português coloquial moderno do Brasil. Conforme já foi notado na literatura sobre este problema, algumas classes verbais apresentam uma frequência maior de neutralização entre a 3ª Pessoa do Plural e a 3ª Pessoa do Singular do que outras classes. Este fenômeno foi explicado tanto em termos do princípio da saliência fônica, quanto em termos de uma interação entre regras fonológicas e sintáticas. A questão diacrônica, por outro lado, se refere à origem da terminação verbal -ão na terceira pessoa do plural do Perfeito do Indicativo. Para esta questão podemos encontrar também mais de uma resposta na literatura. Procura mostrar aqui que a terminação -ão em questão é uma criação analógica, e que a maioria dos casos de neutralização entre a 3ª PP e a 3ª PS no português coloquial brasileiro é herdada, ou seja, estes casos constituem resíduos históricos refletidos no português de hoje.

ABSTRACT

This paper is an attempt to show how the present can be used to explain the past. The synchronic data that I use have to do with the variable subject-verb agreement rule in Modern Colloquial Brazilian Portuguese. It has been noted in the literature on this question that some verbal classes present a larger frequency of neutralization between 3rd Person Plural and 3rd Person Singular verbal forms than other classes. This has been explained either in terms of the principle of phonic salience or in terms of an interaction between phonological and syntactic rules. The diachronic question has to do with the origin of the verbal ending -ão in the 3rd Person Plural of the Perfect of the Indicative, for which more than one answer is found in the literature. It is argued here that the verbal ending -ão of the 3rd PP of the Perfect of the indicative is an analogical creation and that most of the cases of neutralization between 3rd PP and 3rd PS in Modern Colloquial Brazilian Portuguese are inherited, i.e., they constitute historical residues reflected in present day Portuguese.

1. Apresentação do problema

Embora o português seja uma língua cuja história é bem documentada, ainda há numerosos pontos de controvérsia envolvendo a explicação de alguns fatos históricos. Um destes pontos se refere ao desenvolvimento das formas verbais de Terceira Pessoa do Plural (daqui em diante 3PP) do Perfeito do Indicativo, a partir de suas fontes latinas. Tomemos como exemplo a forma amaram. Esta forma, que termina num ditongo nasal não-acentuado [-ẽw̃], tem como seu correspondente latino a forma ama(ve)runt. De acordo com os desenvolvimentos fonéticos ocorridos do latim vulgar para o português, a forma ama(ve)runt se desenvolve em amarom que é, na verdade, a forma do português antigo:

[1] *ama(ve)runt* > *amarun* > *amarom* [v'marõ]

Contudo, no português moderno encontramos um [-ẽw̃] final, e não um [-õ] final.

A questão que podemos levantar aqui é: qual é a origem do ditongo nasal final não-acentuado na 3PP do Perfeito do Indicativo no português padrão moderno?

Se examinarmos a literatura sobre esta questão, encontramos pelo menos duas análises diferentes para o problema:

A- Alguns estudiosos, como Bourciez (1946) e Meyer-Lübke (1923), afirmam que formas como amaram, em vez de amarom, são criações analógicas, cujo modelo é a 3PP do Imperfeito do Indicativo:

[2] *amabant* > *amavam* [v'mavãw̃]

B- Outros estudiosos, como Nascentes (1960) e Coutinho (1969), afirmam que as terminações verbais -am e -om fundiram-se em português, no século XV.

No caso da análise B, nós podemos pensar em dois desenvolvimentos alternativos. No primeiro, poderemos dizer que -am e -om eram ambos pronunciados como [-õ] que, mais tarde, ditongou-se em [-õw̃]. No segundo, podemos dizer que [-õ] e [-õ] fundiram-se em [-õw̃], por ditongação, sem um estágio anterior de fusão em [-õ].

Fato é que, em textos portugueses do século XV, nós podemos encontrar a mesma forma verbal grafada de duas maneiras diferentes, ora com um -om final, ora com um -am final. Por exemplo, na Crônica do Condestabre (apud Leite de Vasconcelos (1970 81 - 83) encontramos:

E este Arcebispo dom Gonçallo Pereyra ouue huum filho a que chamarom dom frey Aluaro Gonçallez Pereyra...

e também:

... dõ Nuno Alurez Pereyra, do qual he a estoria, filho de outra madre, a qual chamaram Eyrea Gonçalvez do Carualhal...

Exemplos como estes poderiam ser multiplicados 'ad nauseam'. Mas a questão fundamental ainda é a mesma: isto prova que -am e -om finais não-acentuados fundiram-se no português do século XV?

Aqueles que preferem a análise β certamente gostarão de saber que, mais ou menos na mesma época (ou talvez um pouco mais tarde), os am's finais acentuados, independentemente de sua origem, rimavam entre si. Ou seja:

- (a) -am (ou -ão), do latim -anu- e -adunt, rima com -am (ou -om), do latim -one-, on, un-, etc.

Exemplos:

vilaão - coraçam; vilão - nam; vaão - coraçam; vam - nam

b) -am (ou -ão), do latim -anu- e -adunt, rima com -am (ou -ã), do latim -ane-, -ant, etc.

Exemplos:

veram - capitam ; mão - Joham

c) -am (ou -om), do latim -one-, -on, -un, etc., rima com -am (ou -ã), do latim -ane-, -ant, etc.

Exemplos:

rrazam - Joham ; rrepartiçam - dam

Estes exemplos mostram, de maneira irrefutável, que os -am's finais acentuados, juntamente com suas variantes gráficas, eram pronunciados como ['ãw̃]. Estes fatos poderiam sugerir algo parecido no caso de -am e -om finais não-acentuados, ou seja, eles apontariam na direção da análise B. Contudo, conforme procurarei demonstrar neste artigo, se levarmos em conta alguns fatos do português coloquial brasileiro, somente a análise A permanece.

2. Concordância Sujeito-Verbo: um fenômeno variável no Português Coloquial Brasileiro

Na modalidade padrão do português, um verbo deve concordar com seu sujeito em Pessoa e Número. Mas no português coloquial brasileiro esta concordância é variável. O que acontece é que sujeitos no plural são frequentemente seguidos de formas verbais na Terceira Pessoa do Singular (3PS). Por exemplo, ao lado de (3) e (4):

(3) Nós falamos

(4) Eles falam

encontramos também construções não-padrão como (5) e (6):

(5) Nós fala

(6) Eles fala

Neste texto vou limitar a discussão às formas de 3PP.

Muito já se escreveu sobre este processo variável do português brasileiro. Uma das análises mais importantes foi apresentada por Naro & Lemle (1976), onde a regra de concordância é tratada como uma regra sintática variável que, por vezes, deixa de ser aplicada. Naro & Lemle mostram também que esta regra variável é condicionada por fatores estruturais e não-estruturais.

Há um ponto, na análise de Naro & Lemle, que merece ser destacado aqui. Conforme estes autores mostram em sua análise quantitativa, a Concordância Sujeito-Verbo (daqui em diante CSV) tem menos probabilidade de se aplicar, na 3PP, exatamente naquelas formas verbais cujas diferenças com a 3PS são mínimas. Ou seja, Naro & Lemle mostram que a frequência de ocorrência de formas como eles fala, em lugar da forma padrão eles falam, é maior do que a frequência de ocorrência de formas como eles fez, em lugar da forma padrão eles fizeram. De fato, oposições como fala/falam que constituem sua classe morfológica R, apresentam uma frequência substancialmente maior de neutralização entre o singular e o plural do que as outras classes morfológicas. Na classe morfológica R, a oposição entre a 3PS e a 3PP se faz em termos de uma vogal final oral não-acentuada versus um ditongo nasal final não-acentuado, enquanto que, nas outras classes morfológicas, encontramos diferenças adicionais entre as formas do singular e as

do plural. Em (7), podemos ver a gradação das diferenças entre singular e plural nas várias classes morfológicas propostas por Naro & Lemle:

<u>(7) Classe Morfológica</u>	<u>Oposição Singular/Plural</u>
R	<u>fala/falam</u> : acentuação na raiz; nasalização da vogal final não-acentuada (=ditongação)
V	<u>faz/fazem</u> : acentuação na raiz; presença ou ausência de vogal final nasal não-acentuada:
E	<u>falou/falaram</u> : acentuação na terminação; desinências completamente distintas.
F	<u>fez/fizeram</u> : como na classe E, mas incluindo alguma irregularidade.
W	<u>ê/são</u> : monossílabos; formas completamente diferentes.
L	<u>dã/dão</u> : monossílabos como em W; mas regulares como em R.

Para dar conta das diferenças na frequência de neutralizações entre o singular e o plural nas várias classes morfológicas, Naro & Lemle (1976:225) apresentam um princípio explicativo, que é chamado princípio da saliência fônica. Segundo este princípio "agreement is less probable precisely in those forms where its absence would be least salient". Portanto, caso a CSV deixe de se aplicar, o verbo fica na forma não-marcada, i.e., 3PS.

Embora este princípio pareça funcionar, ele tem, em minha

opinião, uma implicação algo estranha. Ele é altamente anti-funcional e é difícil imaginar que as pessoas obliterem oposições exatamente nos casos em que aquilo que está sendo omitido é a única marca para a diferença entre formas do singular e formas do plural.

Guy (1978) oferece uma abordagem diferente para este problema, onde não se utiliza nenhum princípio anti-funcional. Guy pretende analisar não só o problema da CSV, como também a concordância de número, que concorda os elementos de uma frase nominal em português. Na verdade, o que Guy deseja é uma análise geral da regra variável de concordância de número, tanto na frase nominal quanto entre o sujeito e o verbo.

Conforme Guy demonstra em seu artigo, há pelo menos dois modos possíveis de se analisar a neutralização da oposição entre 3PP e 3PS nas formas verbais. Consideremos alguns de seus exemplos:

(8)a-Ela fala português. (Exemplo (3) de Guy)

b-Elas falam português (Exemplo (4) de Guy)

A primeira alternativa mencionada por Guy é postular-se uma regra fonológica 'low level', que elimine os traços que marcam a pluralidade. No caso dos verbos, isto poderia ser representado pela regra (9) (regra (8) de Guy):

$$(9) \quad [+nas] \text{ — } [-nas] \quad / \text{ ————— } \# \#$$
$$\qquad \qquad \qquad \qquad \qquad \qquad \qquad \qquad \qquad [-\text{acento}]$$

A aplicação da regra (9) numa forma como falam [falãw̃] produziria fala [falãw̃]. E, de acordo com o texto de Guy, a re-

gra (9) pode ser motivada independentemente no português do Brasil: além das pronúncias-padrão em (10)a, encontramos também as pronúncias coloquiais não-padrão em (10)b:

(10)	<u>a</u>		<u>b</u>
homem	['õmẽỹ]	'homi'	['õmi]
bênção	['bẽsẽw̃]	'bença'	['bẽsẽ]

e muitos outros casos.

A segunda alternativa oferecida por Guy é em termos de uma regra sintática variável de concordância. Neste caso, uma forma como elas fala seria resultante da não-aplicação da regra variável de CSV, ficando o verbo, pois, na forma não-marcada. E, conforme afirma Guy, temos que postular a existência de tal regra, uma vez que nenhuma regra fonológica seria capaz de produzir as formas não-padrão em (11)a, como sendo derivadas das formas padrão em (11)b:

(11)	<u>a</u>		<u>b</u>
Elas <u>diz</u>	['jĩs]	Elas <u>dizem</u>	['jĩzẽỹ]
Elas <u>fez</u>	['fes]	Elas <u>fizeram</u>	['fi'zẽrẽw̃]

A aplicação da regra fonológica variável nas formas de (11)b teria produzido as formas desnasalizadas não-padrão de (11)c, que são, não obstante, reconhecidas como formas de plural, uma vez que elas são diferentes das formas do singular:

(11)c -	Elas <u>dize</u>	['jĩzi]
-	Elas <u>fizeru</u>	['fi'zẽru]

Uma vez que as formas de (11)a, (11)b e (11)c são formas

que ocorrem no português brasileiro falado, Guy (1978:5) propõe que "both a variable syntactic and a variable phonological rule will be required, even though this may necessitate using more symbols in our grammar".

Convém notar aqui que, em termos da análise de Guy, torna-se possível mostrar o motivo pelo qual a classe morfológica R, de Naro & Lemle, apresenta uma frequência maior de neutralização entre a 3PP e a 3PS: nas formas verbais da classe R, tanto a não-aplicação da regra sintática variável de CSV quanto a aplicação da regra fonológica variável de desnasalização às formas da 3PP irão produzir a mesma forma de superfície. Por exemplo:

(12)a- Plural Padrão Elas falam [falãw]

b- Não-aplicação da
regra de CSV Elas fala [falã]

c- Aplicação da regra
de desnasalização
ã forma de (12) a Elas fala [falã]

Ou seja, uma forma de superfície como 'elas fala' tem duas derivações diferentes. E, de acordo com esta análise, poder-se-ia avançar um pouco mais e dizer que há no português brasileiro uma mudança sintática (a regra de CSV), implementada por uma regra fonológica variável (a desnasalização).

Embora a análise de Guy pareça bastante convincente, ela apresenta problemas. O problema principal desta análise é a regra de desnasalização. Esta regra, de acordo com o texto de Guy, se aplica tanto a falam [falãw], produzindo fala [falã],

quanto a fizeram [fi'zɛrɐ̃w̃], produzindo 'fizeru' [fi'zɛru] (cf. exemplos (11) e (12) do texto de Guy). Mas há dois problemas aqui: em primeiro lugar, não há nenhum modo de se derivar a forma 'fizerū' [fi'zɛrū], que também ocorre como forma plural não-padrão; além disto, às vezes o [-ɐ̃w̃] final passa a [-ɐ̃], como em falam/fala e às vezes passa a [-u], como em fizeram/ 'fizeru'. O segundo problema é do conhecimento de Guy (1978:6) que escreve o seguinte em sua nota 4:

The actual phonetic realization of these vowels depends on a number of phonological processes besides nasalization. Hence differences in vowel quality accompany denasalization. However this is immaterial to the issues raised here.

Contudo, não penso que isso seja "immaterial". Pelo contrário, este é um problema que deve ser enfrentado. Convém notar que não se podem atribuir as diferenças de qualidade vocálica a segmentos precedentes. Por exemplo, não se pode dizer que o [-ɐ̃w̃] final passa à [-u], quando precedido por /r/. É bem verdade que a regra de desnasalização de Guy levaria eles fizeram a eles 'fizeru', mas eles choram não passaria a eles choru e sim a eles chorã.

Na verdade, a situação é bastante simples: na 3PP do Perfeito do Indicativo encontramos, além da forma padrão que termina em [-ɐ̃w̃], duas outras variantes, uma em [-ū] e outra em [-u], mas nenhuma variante que termine em [-ɐ̃]:

(13)	<u>Padrão</u>	<u>Não-Padrão</u>	<u>Não-ocorrente</u>
Eles	<u>fizeram</u>	'fizerū'	'fizeru' fizera
	[ɐ̃w̃]	[ū]	[u] [ɐ̃]

enquanto que, no Presente e no Imperfeito do Indicativo, encon-

tramos, além da forma padrão terminada em [-ɛ̃w̃], uma variante terminada em [-ɛ], mas nenhuma variante terminada em [-ũ] ou [-u]:

(14)	<u>Padrão</u>	<u>Não-Padrão</u>	<u>Não-ocorrente</u>	
Eles	falam	fala	'falũ'	'falu'
	falavam	falava	'falavũ'	'falavu'
	[ɛ̃w̃]	[ɛ]	[ũ]	[u]

Aparentemente, em vez de resolvermos nosso problema inicial, temos agora dois problemas. Procurarei mostrar, na próxima seção, que os dois problemas estão interligados e que a solução de ambos é, basicamente, a mesma.

3. Os problemas sincrônico e diacrônico reconsiderados

Suponhamos que a regra de desnasalização proposta por Guy atinja as formas de 3PP do Presente e Imperfeito do Indicativo, mas não as formas de 3PP do Perfeito do Indicativo. Isto nos garantiria a derivação das formas 'substandard' em [-ɛ], do Presente e Imperfeito do Indicativo, a partir de [-ɛ̃w̃], bloqueando a derivação de formas 'substandard' em [-u] - [-ũ], a partir de [ɛ̃w̃]. Evidentemente esta regra não poderia ser uma regra estritamente fonológica, uma vez que não há nenhuma diferença fonológica entre [-ɛ̃w̃]'s do Perfeito e [-ɛ̃w̃]'s do Presente e Imperfeito. Teríamos, pois, uma regra morfofonêmica, que teria que fazer referência ao tempo/aspecto verbal. Isto, por si só, já seria bastante suspeito: não há nenhum motivo para que um processo fonético ordinário seja controlado por categorias verbais. Do ponto de vista descritivo, não há, é claro, nenhum problema com esta 'solução'. Contudo ela é ad hoc. Além do mais,

teríamos que postular uma segunda regra de desnasalização, para derivar as formas 'substandard' em [-u] do Perfeito a partir de [-ẽw̃]. E, mesmo assim, como derivar as formas 'substandard' em [-ũ] da 3PP do Perfeito do Indicativo?

Em resumo, uma análise destes fatos, que faça uso de uma (ou mais de uma) regra de desnasalização, é bastante problemática. Ela só não será problemática se preferirmos entender as regras como colchas de retalho descritivas, onde podemos colocar remendos a qualquer momento, sempre que for conveniente. Se, contudo, entendermos as regras como representações de processos estruturalmente motivados, que contenham uma base explanatória lógica, então continuo afirmando que a solução baseada na regra de desnasalização de [-ẽw̃] é problemática. Minha hipótese aqui é a de que não há nenhuma regra sincrônica de desnasalização operando sobre [-ẽw̃]. Assim sendo, passo a apresentar uma outra análise para a variação sincrônica encontrada no português do Brasil.

Parece claro que o que foi discutido até agora invalida totalmente a proposta B, apresentada na seção 1. Se [-ẽ] e [-õ] tivessem se fundido em [-ẽw̃], então todos os [-ẽw̃]s, independentemente de sua origem, deveriam estar em variação ou com [-ɛ] ou com [-u], mas não com ambos. Mas, como vimos, não é isso o que acontece e há variação em ambas as direções. Assim sendo, parece plausível supor-se que algo deva ter ocorrido com as formas em [-õ] da 3PP do Perfeito do Indicativo, antes do surgimento das formas correspondentes em [-ẽw̃].

Minha proposta é a seguinte: as vogais nasais finais não-acentuadas do português antigo, [-õ] (< -unt), [-ẽ] (< -ent) e [-ẽ] (< -(b)ant), sofreram um processo de desnasalização, representado por (15):

$$(15) \begin{bmatrix} + \text{silábico} \\ + \text{nasal} \end{bmatrix} \rightarrow \langle -\text{nasal} \rangle / \frac{\quad}{[-\text{acento}]} \# \#$$

e que acabou criando a variação representada por (16):

$$(16) \begin{bmatrix} [-\tilde{o}] \\ [-\tilde{e}] \\ [-\tilde{u}] \end{bmatrix} \sim \begin{bmatrix} [-o] \\ [-e] \\ [-u] \end{bmatrix}$$

No estágio representado por (16), ocorreu a ditongação, que podemos representar por (17):

$$(17) \emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{silábico} \\ -\text{consonant.} \\ +\text{alto} \\ \alpha\text{arredond} \\ +\text{nasal} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{silábico} \\ + \text{nasal} \\ - \text{ arredond.} \\ - \text{ acento} \\ - \alpha \text{ anterior} \end{bmatrix} \# \#$$

e a situação representada em (16) foi alterada para (16)':

$$(16)' \begin{bmatrix} [-\tilde{o}] \\ [-\tilde{e}] \\ [-\tilde{u}] \end{bmatrix} \sim \begin{bmatrix} [-o] \\ [-e] \\ [-u] \end{bmatrix}$$

No estágio representado por (16)' ocorreu um processo bastante difundido no português, o alçamento de vogais médias pós-tônicas, que podemos representar por (18):

$$(18) \begin{bmatrix} + \text{silábico} \\ - \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{alto} \end{bmatrix} / \frac{\quad}{[-\text{acento}]} \# \#$$

alterando o quadro de (16)' para (16)'':

$$\begin{array}{l}
 (16)'' \quad [-\bar{u}] \sim [-u] \\
 \quad \quad [-\bar{e}\bar{y}] \sim [-i] \\
 \quad \quad [-\bar{e}\bar{w}] \sim [-\bar{e}]
 \end{array}$$

Tudo isto deve ter ocorrido antes do século XV, quando formas em -am em vez de -om começam a ser registradas. Ou seja, o estágio de (16)'', que reflete parte da variação encontrada na 3PP das formas verbais (excetuando-se, é claro, as formas resultantes da não-aplicação da regra variável de CSV), é um resíduo histórico, refletido na variação sincrônica de português do Brasil. Em outras palavras, a variação entre $[-\bar{u}]$ e $[-u]$ na 3PP do Perfeito do Indicativo, a variação entre $[-\bar{e}\bar{y}]$ e $[-i]$ na 3PP do Presente do Indicativo dos verbos de 2a. e 3a. conjugações, e alguns casos de variação entre $[-\bar{e}\bar{w}]$ e $[-\bar{e}]$ na 3PP do Imperfeito do Indicativo e na 3PP do Presente do Indicativo dos verbos da 1a. conjugação, não devem ser atribuídos a uma regra sincrônica variável de desnasalização. Estes casos de variação estão presentes na língua há muitos séculos.

Em função disto devemos observar os seguintes pontos:

- (a) O $[-\bar{e}\bar{w}]$ da 3PP do Perfeito do Indicativo é, pois, uma criação analógica, baseada nas formas padrão de 3PP do Presente e do Imperfeito do Indicativo. A evolução fonética histórica teria produzido uma forma em $[-\bar{u}]$ ou $[-\bar{o}]$, como acontece em espanhol, onde temos amaron, vendieron, partieron.
- (b) Não temos necessidade de postular nenhuma regra sincrônica problemática de desnasalização. Ou seja, não

temos que arranjar explicações ad hoc para o fato de algumas vezes o [-ẽw̃] estar em variação com [-u] e outras vezes com [-ɐ]

- (c) O fator fonológico precede o fator sintático. Ou seja, não temos aqui nada que evidencie que haja uma mudança sintática (a regra de CSV) implementada por uma regra fonológica posterior a ela. Grafias como rricome, para rico homem, encontradas em textos do português antigo, mostram que a desnasalização é um processo de muitos séculos atrás.
- (d) Torna-se possível entender-se a razão pela qual a classe morfológica R de Naro & Lemle apresenta uma frequência maior de neutralizações entre a 3PP e a 3PS, sem qualquer recurso a um princípio anti-funcional (saliência fônica), ou a uma regra fonológica problemática de desnasalização. O que esta análise prediz é que a classe morfológica R apresenta mais casos de neutralização entre a 3PP e a 3PS porque, além do efeito da não-aplicação da regra variável de CSV, formas não-padrão terminadas num monotongo oral não-acentuado coexistem com formas padrão terminadas em um ditongo nasal não-acentuado há muito tempo no português.

REFERÊNCIAS

- BOURCIEZ, E. Eléments de linguistique romaine. Paris, Klincksieck, 1946.
- COUTINHO, I. L. Gramática histórica. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.
- GUY, G. R. Locating variation in the grammar. Philadelphia, 1978.
(Texto inédito)
- VASCONCELOS, J. Leite de. Textos arcaicos. Lisboa, Clássica, 1970.
- MEYER-LUBKE, W. Grammaire des langues romanes. New York, 1923.
Apud: COUTINHO, I.L. Gramática histórica. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.
- NASCENTES, A. O idioma nacional. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1960.
- NARO, A. J. & LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: PARASESSION ON DYACHRONIC SYNTAX, Chicago, 1976. Papers from the parasection on dyachronic syntax. Chicago, CLS, 1976. p. 221-240.